Os macacos, agora, fazem a revolução

POLA VARTUCK

CONQUISTA DO PLANETA DOS MACACOS ("Conquest of the Planet of the Apes") — EUA, 1972, 88 minutos. Direção: J. Lee Thompson. Roteiro: Paul Dehn. Baseado nos personagens criados por Pierre Boulle. Fotografia: Bruce Surtees. Mutica: Tom Scott. Montagem: Marjorie Fowler e Allan Jeggs. Maquilagem especial: John Chambers. Diretor Artístico: Philip Jefferies. Decorações: Norman Rockett. Produtor: Arthur P. Jacobs. Associação: Frank Capra Jr. Produção: APJAC. Distribuição: Fox. Em TODD-AO 35 mm e colorido "De Luxe". Com Roddy McDowall (Caesar), Don Murray (Breck), Natalie Trundy (Lisa), Ricardo Montalban (Armando), Hari Rhodes (MacDonald), Severn Darden, Lou Wagner, John Randolph, As Manor, H. M. Wynant, David Chow, Buck Kartalian e outros. 16 anos. Nas cines Bijou, Iporanga e Lumiere. Horário normal.

A maior falha desse quarto filme da série que se inicia com o interessante "O Planeta dos Macacos", talvez esteja em sua localização no tempo. Ambientado em algum lugar dos Estados Unidos por volta de 1991, este filme supõe que os atuais gorilas e chimpanzés, dentro de apenas 18 anos, já tenham evoluído não somente a ponto de serem capazes de executar um trabalho escravo, mas de se unirem sob a direção de um líder para formar um exército, manipular armas sofisticadas e armar uma revolução para derrubar seus opressores, os seres humanos.

Mas, como em materia de ficção científica tudo é possível, o roteirista Paul Dehn, que escreveu também os três filmes anteriores — somente o primeiro foi feito com base no livro de Pierre Boulle — aproveita mais uma vez a oportunidade para fazer a sua crítica social, para estabelecer alguns paralelos com o problema racial dos Estados Unidos e para pregar alguns sermões moralistas pelos quais os Cannon, o macaco falante que descende dos chimpanzés evoluídos do futuro.

Não se trata de um paradoxo. Quem viu o penultimo filme da série "Fuga do Planeta dos Macacos", sabe que Caesar é filho de Cornelius e da dra. Zira, o casal de cientistas símios que, para fugir ao holocausto no futuro distante, embarcou na nave espacial de Taylor, recuou no tempo e caiu na Terra, em 1973. Por representarem uma ameaça para o futuro da humanidade, Zira e Cornelius foram mortos. Mas Caesar, o filhote de ambos, foi salvo pelo bondoso Armando (Ricardo Montalban), que o escondeu em seu circo.

—oOo—

Aqui, Caesar já está adulto e é Armando quem lhe mostra a lamentavel condição a que ficaram reduzidos os gorilas e chimpanzés do seculo XX, que estão sendo importados da África para serem usados como escravos pelo regime tirânico do governador Breck (Don Murray). Revoltado ante a desumanidade com que são tratados os seus ancestrais, Caesar trama, organiza um exercito de simios e os lidera num ataque ao palacio do tirano.

Significativo é o fato de ser um cientista negro — cujos ancestrais também foram trazidos da África e escravizados — o unico homem a ajudar a revolução dos macacos. O filme é obviamente abolicionista, e via o tema da abolição e da escravatura pode parecer ultrapassado, Paul Dehn quer dizer de modo indireto que, sendo o homem escravagista por natureza, sempre há "escravos" num regime como o da ditador Breck. Infelizmente, porém, o discurso moralista de Caesar no final diluí o que poderia ser uma parabola sobre a revolução e os revoltosos.

Como os dois filmes anteriores da série, também este está muito longe de atingir o mesmo interesse suscitado pelo intrigante "O Planeta dos Macacos". Conta, porém, com a otima direção de J. Lee Thompson, com a eficiente fotografia de Bruce Surtees e com um bom elenco de atores. E, embora sua filosofia não possa ser tomada a serio, "Conquista do Planeta dos Macacos" é um filme que entretém.

Os macacos se desgastam na crítica social do quarto filme da série

Crônica

Entrevista

L.M.

— Ilustre academico... Como é mesmo o nome? Deixe ver. Ah! Doutor José Serrapião. Doutor: dizem que nas ultimas eleições da Academia, o sr. não votou no professor Perna-fina. Pode-se saber o motivo?

— Muito simples: ele não me pediu o voto.

— Se tivesse pedido, o sr. votaria?

— Bem, isto são outros quinhentos cruzeiros. Talvez votasse, talvez não. Em todo o caso, como ele nada me pediu, eu não poderia dar o que não me foi solicitado. E, outra coisa (pode contar ai): vou acabar com esse negocio de atender a candidato pelo telefone. Bata de madeira: quem quiser o meu voto, tem que me fazer a visita de praxe. E' assim que se usa na Academia Francesa. E no Brasileira.

— Pelo que vejo, o sr. é bastante formal.

— Eu, não. A Academia é que é. Ou deve ser. Pode ficar certo de uma coisa, meu amigo: toda Academia — seja la qual for — é por principio, por definição, pela propria natureza, um orgão conservador, fechado, tradicional, infenso de inovações. E tem que ser assim. Se não for, não é Academia. Veja o fardão, por exemplo.

— Mas os senhores não usam fardão!

— Eu sei: usamos casaca. Você já viu coisa mais cerimoniosa, mais formal, mais protocolar e, ao mesmo tempo, mais anacronica, mais fora de moda — além de incomodo — que a casaca? Entretanto, é um mal necessario. Porque você não haveria de querer que nós comparecessemos às sessões solenes de bermudas e camisa esporte. A dignidade academica exige o sacrifício da casaca.

— Puxa, nunca pensei que o sr. fôsse tão quadrado assim, doutor Sebastião!

— Serapião. Mas resta saber a quem você se refere: ao academico, ou ao homem?

— Não é a mesma coisa?

— Não. Não é. O Serapião-academico é esse cidadão que você, na sua leviandade de garoto (aliás, mal-educado, desculpe que lhe diga) chama de "quadrado", mas é apenas academico — e tem que comportar-se como tal. Agora, o Serapião-homem (que neste momento lhe fala) gosta de andar em casa de chinelos, no verão usa bermudas, vai ao cinema de camisa esporte, torce pelo Pelé, aprecia um chopinho bem gelado e não desdenha ouvir, na intimidade, uma boa anedota pornografica... Por falar nisto: você sabe da ultima?

Radiofoto UPI

Casamento

A cantora Diahann Carroll, 37 anos, casou-se em Las Vegas com o empresário Freddie Glusmann. O casamento foi uma grande surpresa, pois a cantora tinha anunciado que ia casar-se com o apresentador de tv David Frost.

Obra de Armitage vista em Brasília

Da Sucursal de BRASÍLIA

Kenneth Armitage, um importante artista plástico inglês, está expondo em Brasília, na sala de exposições do setor de difusão cultural. Armitage, na mostra, dá uma visão de seu desenvolvimento artístico na escultura e no desenho, com a apresentação de trabalhos atuais e mais algumas fotografias da fase de 1951 a 1963.

Nascido em 1916, Kenneth Armitage estudou escultura durante dez anos na Bath Academy of Art, em Londres, e em 1952 apresentou trabalhos na pavilhão inglês da Bienal de Veneza. No ano seguinte ganhou seu primeiro prêmio: o Gregory Fellowship", da Leeds University, como o artista do ano. Em 1958, recebeu o prêmio "David E. Bright Foundation" e venceu a 1a Exposição Internacional de Desenhos e Gravuras, em Lugano, Itália.

As esculturas apresentadas na exposição de Brasília são "Friends Walking", "Standing Figure with arms sideway" e "Two Seated Figures". Os painéis fotográficos mostram "Family Going a Walk", de 1951, "Standing Group", de 1952, "Seated Figure", 1954; "The Sentinels" de 1955; "Reclining Figures", de 1956; e "Girl without a face", de 1959. A exposição é patrocinada pela Fundação Cultural do Distrito Federal e pelo Conselho Britânico. Permanecerá aberta até o dia 3 de março.

Retrospectiva de Rebolo no MAM

O Museu de Arte Moderna de São Paulo — MAM — está organizando uma retrospectiva para comemorar os 40 anos de pintura de Rebolo Gonsales. A exposição, cujo início está marcado para o dia 26 de abril, abrangerá todos os períodos da atividade artística do pintor, apresentando 50 desenhos, 50 gravuras e 250 óleos — em todos predominando as paisagens campestres. O catálogo da exposição terá apresentação gráfica de Tilde Helleinsteter e 10 páginas de textos sobre a obra do artista, escritos por críticos do Rio e São Paulo.

Paxinou morre aos 73 anos na Grécia

ATENAS — A atriz Katina Paxinou morreu ontem, aos 73 anos, num hospital de Atenas, onde estava há dias para tratamento de cancer. Ela ganhou no cinema em 1920 e em 1943 ganhou um Oscar pelo trabalho no filme "Por Quem os Sinos Dobram", inspirado no livro de Ernest Hemingway e também protagonizado por Gary Cooper, Ingrid Bergman e Akim Tamiroff.

Atualmente, ela trabalhava num dos teatros da capital grega, competindo com seu esposo — o ator e diretor Alexis Minotis — que representava em outra peça.

COMEÇOU NO TEATRO

Katina Paxinou nasceu no Pireu em 1900 e estudou musica em Berlim, Genebra e Viena. Apresentou-se diversas vezes em Atenas como soprano, até que perdeu a voz em decorrencia de uma operação de amigdalas. Dedicou-se, então, à carreira dramatica, primeiro no teatro e depois, no cinema.

De familia abastada, casou-se em 1916 com o autor dramático Ioannis Paxinos, do qual teve dois filhos a do qual mais tarde se separou. Em 1932, foi convidada a interrar o conjunto artistico do Teatro Nacional grego e interpretou Clitemnestra, no "Agamenon" de Esquilo. Passou a representar peças de Sofocles, de Ibsen, de O'Neill, de T. Bernard, de Byron, de Shakespeare, de Euripedes e em 1938 já tinha uma reputação firmada como atriz.

Seguiram-se suas apresentações em Londres, Frankfurt e Berlim. Em 1940 casou-se com o ator Alexandros Minotis e vai aos Estados Unidos. Apresenta-se na Broadway em 1942. Estréia na televisão britanica em 1950 com "Bodas de Sangue" de Garcia Lorca. Já era, então, internacionalmente conhecida por sua atuação em "Por Quem os Sinos Dobram".

Dotada de um temperamento dinamico e vigoroso, Paxinou pode ser chamada a Meneguini-Callas do teatro em prosa.

Seus dotes de gosto e cultura, aliados ao talento cênico fizeram dela uma das maiores atrizes gregas contemporaneas.

Livro de Llosa será filme

LIMA — O romance do escritor peruano Mario Vargas Llosa, "Pantaleon e as visitantes", será filmado na Amazônia em co-produção franco-espanhola e possivelmente peruana. O filme começará a ser rodado no fim do ano na cidade de Iquitos, a principal da Amazonia peruana, e custará aproximadamente 400 mil dólares. Será um filme artistico, de importancia comercial secundaria.

O produtor espanhol José Luis Borau está mantendo entendimentos com seu colega peruano Armando Robles Godoy (''A Muralha Verde'', "Na selva só existe estrelas"), para que participe do filme que será financiado pela "Paramount" francesa.

A novela de Vargas Llosa será editada no próximo trimestre e narra uma curiosa forma de prostituição na selva onde o avião é o unico meio de comunicação entre as distantes vilas ribeirinhas. O personagem central é Pantaleon, dono de um hidroavião, que contrata moças para levar avanie seu negócio.

Difícil a venda de quadrinho nacional

Da Sucursal do RIO

As poucas perspectivas comerciais que os "quadrinhos" nacionais oferecem e a limitação da criatividade dos desenhistas em função do chamado "desenho comercial" imposto pelas empresas foram as principais preocupações demonstradas pelos jovens desenhistas, na sessão de encerramento do seminario sobre histórias em quadrinhos, no Museu de Arte Moderna, no Rio.

Por mais de duas horas, cerca de 300 pessoas, na maioria jovens, acompanharam com interesse as exposições de Ziraldo, Alvaro Moya, Anabella Geiger, Luiz Felipe Baeta Neves, Frederico de Moraes, Antonio Carvalhaes e Chaim Katz, a despeito da falta de refrigeração na sala.

DEBATES

A sessão de encerramento do seminario foi dividida em duas etapas: exposição de ideias de estudiosos e críticos e debates com a plateia. Além das poucas perspectivas comerciais dos "quadrinhos" e das imposições das empresas, foi discutido o problema da oficialização da profissão de desenhista de quadrinhos e nacionalização do genero. Neste ponto, a proteção governamental aos novos desenhistas e apoio oficial para a formação de um **know-how** brasileiro.

Essa idéia, levantada pela plateia, foi logo abandonada, pois os novos e veteranos desenhistas não estão dispostos a fazer concessões à ideologia dominante no país, pois temem que algum dia o genero "quadrinhos" venha a exercer no Brasil papel de propaganda política, a exemplo do que ocorre e já ocorreu em outros países. Quanto ao não apreciamento dos desenhistas brasileiros pelas empresas, principalmente jornalisticas, Ziraldo disse: "E' difícil o preço aos jornais, pois eles compram desenhos de artistas estrangeiros por preços baixissimos. A unica solução para os novos desenhistas está na formação de uma equipe preocupada apenas com a valorização do trabalho de grupo, sem a mentalidade dominante nas empresas, que visam ao lucro imediato".

CRITICA

Luiz Felipe Baeta Neves acusou os "quadrinhos" brasileiros de não tratarem dos problemas sociais e nunca apresentarem elementos marginais nos enredos". Isso pode ser comprovado pela inexistencia de, por exemplo, um personagem negro das nossas historias, para apresentar ao publico os problemas que o negro vem enfrentando na sociedade brasileira". Acrescentou: "E' logico que a abordagem dos temas sociais é sempre uma faca de dois gumes, pois a inclusão de personagens que representem os marginais pode ser feita, segundo a ideologia dominante, para combater esses marginais e não para explicar seus problemas e sua posição dentro da sociedade".

Moacir Cyrne apontou os "quadrinhos" como "propaganda da ideologia" e lembrou os ladrões de Walt Disney, que "ao são considerados como ladrões, quando roubam propriedade particular". Criticou também a não abordagem dos problemas sociais pelos "quadrinhos" brasileiros e citou o recente exemplo da tentativa de aculturação indigena, que deveria ser mostrada não apenas às crianças, mas ao publico em geral.

ADVERTENCIA

Luiz Felipe Baeta Neves advertiu o publico e os criticos desenhistas contra "a grande arma a serviço da ideologia" que os "quadrinhos" representam. Disse que, em seus estudos, tem notado a tendencia do genero a reproduzir a ideologia dominante e deu o exemplo do **Fantasma**, que representa o colonialismo inglês nas selvas da India. "O Fantasma nunca morre e isso quer dizer que a ideologia colonialista nunca morrerá também".

Antonio Carvalhaes lembrou os tempos em que os "quadrinhos" eram apontados como negativos à educação infantil, "porque não as faziam pensar", eram tidos como "incentivo à leitura visual". Hoje em dia, felizmente, essas criticas desaparecem, mas parece que atualmente os "quadrinhos" estão sendo compreendidos como curiosidade cultural e passatempo de intelectuais. Essa concepção — acrescentou — também não está de acordo com a importancia do genero, que pode ser comparado com os mais importantes movimentos artisticos, pois tem dinamica propria e tem influenciado diversas modalidades artisticas".

Anos 30 consolidaram a literatura brasileira

Nunca mais a literatura brasileira terá um impulso tão grande quanto o que lhe foi dado na década de 30, disse o professor Antonio Candido, em sua conferência pronunciada ontem no 2.º Curso de Cultura Brasileira. Nessa época foi que se consolidaram realmente todas as diretrizes do movimento modernista de 22, surgiram novas tendencias no romance e na poesia, criaram-se premios, e os novos escritores tiveram um incentivo até hoje não superado.

Para o professor Antonio Candido, a propria situação politica e social vivida no momento foi decisiva para essa fase aurea da literatura porque criou consciencia nos escritores e permitiu o amadurecimento de suas opções e de seus estilos. "A tal ponto que em 1945, essa mesma geração de escritores tomou posição violentamente contraria a Getulio Vargas, e a ditadura", que mandou prender seus melhores nomes, expatriou outros e torturou alguns.

GRANDE ESTIMULO

O papel da critica foi muito importante na evolução da literatura dessa época. "Nos chamados rodapés, que não existem mais hoje, como o professor — e continuando a tradição de Machado de Assis e Agustinho Bezaluva — criticos como Plinio Barreto, Sergio Buarque de Holanda, Alceu Amoroso Lima comentaram toda a produção literaria de então. Eles eram o verdadeiro elo entre a literatura e o publico".

Em decorrencia do interesse do publico pela literatura, apareceram jornais e revistas exclusivamente literarios, como "Roteiro", em São Paulo e "Dom Casmurro", no Rio — e os romances editorial também começou a crescer: os novos, que antes não tinham a minima possibilidade de ver seus trabalhos publicados, fundaram uma cooperativa (Editora Amigos do Livro) e foram lá bem sucedidos, editaram pequenas, como a Schmidt e grandes como a José Olimpio resolveram arriscar. Foram essas editoras que lançaram Jorge Amado, Gilberto Freyre, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Vinicius de Morais e outros, com capas bem cuidadas de Cicero Dias e Santa Rosa.

INOVAÇÕES TEMATICAS

A decada de 30 marcou também, segundo o professor Antonio Candido, o enfraquecimento do estilo academico e a progressiva marginalização da Academia Brasileira de Letras. Essas mudanças foram uma consequencia da consolidação do movimento modernista de 22, que propunha um estilo de frases curtas, claras, objetivas, o estilo anti-oratoria por excelencia, contra o texto prolixo da fase anterior.

Todos os escritores, sem exceção, sofreram essa influencia, diz Antonio Candido. Cita o exemplo de Graciliano Ramos, o escritor de quem se diz ter sido o mais violentamente contrario a semana de 22: "seu texto era tão seco e conciso quanto desejavam os modernistas", declarou.

REGIONALISMO E INQUIETAÇÃO

O surgimento de debates em torno de "comunismo", "fascismo", "nazismo", o congresso internacional de escritores na União Soviética e a quebra da Bolsa de Nova York influiram não só na literatura brasileira da década de 30, como também na literatura mundial. "Os escritores e poetas ficaram politizados. Passou-se a ter idéia de que era uma obrigação do intelectual assumir uma posição critica na sociedade em que vivia e de preferencia uma posição contrária ao regime".

Surgiram as grandes obras como "Os Corumbas", de Armando Fontes, "Menino de Engenho", de José Lins do Rego "Cacau" e "Suor", de Jorge Amado, as de Graciliano Ramos e ainda algumas de Oswald de Andrade, que tinham como preocupação principal retratar a vida do povo brasileiro, sem muitas preocupações estilisticas. Na opinião do professor Antonio Candido, era "um romance inquietante" que revelou também a literatura regionalista, principalmente a nordestina e a do Rio Grande do Sul, como uma verdadeira literatura brasileira e não só como uma coisa exótica, como tinha acontecido na época de José de Alencar.

Outros escritores não influenciados pelo marxismo, ficaram radicalmente na direita — caso de Plinio Salgado nos seus livros "O Esperado" e "O Cavaleiro de Itarare" — ou então voltaram-se para a parte espiritual do homem. Estes últimos receberam grande influência de Proust, como Lucio Cardoso, Cornelio Pena e ciristãos como Alvaro Lins que chegou a afirmar que "somente um bom católico pode ser um bom critico".

Como a Igreja, nessa época, estava ligada ao regime vigente, esse tipo de literatura era mais de direita, e seu estilo era muito mais academico do que os do outro grupo. Exemplos desse estilo: Barreto Filho, Otavio de Faria, Murilo Mendes, e Vinicius de Morais no inicio.

UNICO ERRO

A exagerada preocupação em retratar fielmente a sociedade em que o homem que escrevia vivia, fez com que os escritores esquecessem a elaboração formal do que escreviam. O professor Antonio Candido mostrou que, se for analisado atentamente qualquer romance dessa época, pode-se ver que seu texto é muitas vezes pri-

mário, e que a consciencia critica no sentido estético é muito baixa. "Muitas vezes, eles não sabiam formular seus próprios problemas e só causavam boa impressão pelo impacto temático. Muitos livros mais refinados, como "Os Ratos", de Dionelio Machado, por exemplo, passaram desapercebidos, porque só se aceitava o romance social, embora mal escrito. A unica exceção — bons temas e ótimo texto — foi Mário de Andrade".

No periodo da tarde, o professor e critico Décio de Almeida Prado abordou a contribuição do teatro na década de 30. O seminario relativo ao periodo termina hoje, com a conferencia de Maria Teresa Peirone sobre "Historia" e, na parte da tarde, mesa redonda da qual tomarão parte todos os participantes do curso.

Melhores das artes visuais

A Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCT) elegeu os melhores de 1972 nos diversos setores das artes visuais, em São Paulo. Com isso a associação amplia suas atividades, que deverão abranger, além do teatro e musica erudita, cinco setores artísticos: artes visuais, cinema, literatura, musica popular brasileira e televisão.

Dez criticos e noticiaristas de artes visuais escolheram os melhores em oito categorias, todos por unanimidade, com exceção da uma — fotografia — em que houve quatro abstenções. Os escolhidos são: melhor pintor — Antonio Henrique Amaral; melhor desenhista — Lothar Charoux; melhor gravador — Emanoel Araujo; melhor escultor — Franz Kraicberg; melhor fotógrafo — Antonio Carlos Rodrigues; melhor objeto — Mira Schendel; melhor proposta nova — equipe integrada por Mariclo Fonseca, Antonio Lizarraga, Gerty Sarue e outros cinco artistas que pintaram a calçada e o muro de um terreno na Vila Mariana; premio especial — Pedro de Oliveira Ribeiro Neto, por seu trabalho à frente do Museu de Arte Sacra.

Os vencedores receberão uma escultura-símbolo, diploma e gravura de Maria Bonomi, em solenidade que se realizará dentro de um mês.

Da votação dos melhores das artes visuais participaram Ivo Zanini, Olivio Tavares de Araujo, Olney Kruse, Ernestina S. Karman, Paulo Mazzarella, Carlos von Schmidt, Maria Estela J. Campos, Regina Stella Fonseca de Morais, Osvaldo Mariano e Casimiro Mendonça.

Alterações no cinema satisfazem produtores

Dizendo que chegou o momento de o cinema brasileiro adquirir a infra-estrutura necessaria para sua completa emancipação, o produtor Oswaldo Massaini afirmou ter sido uma surpresa a rapidez com que o governo federal formou uma comissão — anunciada anteontem em Brasília — para fazer um diagnóstico dos problemas do cinema nacional, com base nas sugestões apresentadas durante o 2º Congresso da Indústria Cinematográfica Brasileira.

Esse congresso foi realizado de 23 a 27 de outubro último, no Rio. Na ocasião, os produtores Roberto Farias, Walter Hugo Khouri, Luiz Carlos Barreto, Oswaldo Massaini e Alfredo Palacios apresentaram um projeto que definia a politica nacional de cinema, criava o Conselho Nacional de Cinema e reestruturava a Empresa Brasileira de Filmes. E é esse projeto que, provavelmente, será aprovetado pela comissão para reestruturar todo o Cinema nacional.

MATURIDADE

Para Oswaldo Massaini, o importante é o governo ter constituido uma comissão de sete membros para estudar a validade das proposições apresentadas durante o congresso realizado no Rio. "De qualquer maneira", disse, "tem-se a impressão de que o governo está acolhendo as sugestões dos produtores, uma vez que formou essa comissão para estudar a reformulação da politica nacional de cinema".

Segundo os produtores que apresentaram o projeto, o cinema brasileiro já alcançou maturidade industrial, comercial e artistica, precisando, para conquistar o mercado interno, de uma proteção que varie proporcionalmente à qualidade de seu produto.

Acrescentam que, o filme brasileiro ainda luta, em seu proprio mercado interno, contra a concorrencia desleal, indiscriminada e asfixiante do produto similar fabricado no exterior. Com isso — acentuam — apenas 33 por cento do tempo total anual de exibição é ocupado pelo filme brasileiro, ficando o 77 por cento para o filme estrangeiro, que entra sem limites e é pouco taxado.

Os produtores também destacam que o Brasil é o segundo maior importador de fitas estrangeiras e o quinto no Ocidente em arrecadação de bilheterias, mas que a proteção legal ao cinema brasileiro no mercado interno difere da de outros países, onde se adotam medidas restritivas ao filme estrangeiro, e de incentivo economico, financeiro e cultural à produção interna.

CONSELHO

Acham os produtores que a ação do poder publico brasileiro, exercida pelos orgãos que criou para gerir a politica cinematografica nacional — Embrafilme e INC — é insuficiente, sendo necessaria a elaboração de um projeto brasileiro de cinema, de conteúdo compativel com a realidade nacional.

Reivindicam por isso a reformulação da estrutura administrativa e operacional dos orgãos federais existentes, para que sejam dinamizados e colocados a serviço de uma cinematografia em desenvolvimento. Os produtores propõem a transformação do INC em Conselho Nacional do Cinema, de composição paritaria, com representantes de orgãos federais e da iniciativa privada e com caráter normativo. Pediram também a reestruturação da Embrafilme, que passaria de empresa de economia mista a empresa estatal, com autonomia administrativa e financeira.

Argumentam os produtores que a presença de representantes dos diversos setores da industria cinematografica nos orgãos de decisão da politica nacional de cinema, ao lado dos representantes oficiais, evitará a adoção de medidas irreais e falhas, desvinculadas da experiencia profissional do setor.

DOENÇAS VENEREAS DISTÚRBIOS SEXUAIS
IMPOTÊNCIA-ESTERITES-SIFILIS
PROSTATA-CIRURGIA DOS GENITAIS
CLÍNICA MASTER - AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 3841 - ENTRE BRASIL-EST. UNIDOS
Tel. 80-9249 - Das 8 às 20 hs. - Sab. das 8 às 12 hs. - Estacionamento próprio

DOENÇAS DE SENHORAS DOENÇAS UROGENITAIS
ESTERILIDADE-FRIGIDEZ-RINS
BEXIGA-CIRURGIA UROGENITAL
Dr. JOSÉ MARCÍLIO (CRM 3623)
Dr. HARUO OKAWARA (CRM 12956)
Dr. ROSSANO YASSUDA (CRM 13397)
Dr. DEMERVAL MATTOS JR. (CRM 14413)

INSTITUTO DE ENGENHARIA
ELEIÇÕES

Convocam-se todos os membros titulares do Instituto de Engenharia, para a eleição de Presidente, 1.o, 2.o e 3.o Vice Presidente, Diretor Geral, Diretor de Sede, Diretor de Esportes e Diretor Social do Acampamento e 10 (dez) Membros do Conselho Deliberativo, a qual será realizada no dia 27 de março de 1973 na sede social da entidade, no Viaduto Da. Paulina, 80 — 8.o andar.

A votação terá início às 9 horas e terá encerrada às 21 horas, impreterivelmente. Só poderão votar os sócios quites com os cofres sociais e que contem mais de 6 (seis) meses de admissão no quadro social.

REGISTRO DOS CANDIDATOS

O registro em livro proprio existente na Secretaria do Instituto é obrigatório para os candidatos a cargos eletivos e o prazo para esse registro será de 20 de fevereiro corrente até às 18 horas do dia 12 de março de 1973.

SOCIEDADES FILIADAS

A eleição dos representantes das Sociedades Filiadas será realizada no mesmo dia 27 de março de 1973 e no mesmo local acima referido, onde só poderão votar os representantes legais das respectivas Sociedades Filiadas, devidamente credenciados.

São Paulo, 23 de fevereiro de 1973.
ENG.º FLÁVIO DE SÁ BIERRENBACH
Presidente